

Os radicais e o golpe

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista (andregustavo10@terra.com.br)

Humberto Barreto morreu semana passada aos 90 anos. Foi secretário de imprensa no governo do presidente Ernesto Geisel (1974-1978), general de quatro estrelas, de origem alemã, calado, objetivo e determinado a recolocar o Brasil no caminho democrático. Os golpistas de hoje, que vivem de provocar crises artificiais, deveriam rever as dificuldades dos anos 1970 no Brasil, quando os militares se dividiram em dois grupos principais: uns queriam o restabelecimento das liberdades individuais e princípios democráticos, outros pretendiam simplesmente implantar uma ditadura.

O cearense de fala simples, advogado, não era jornalista, nem passava perto de qualquer redação. Contudo, foi um homem cordial, que se tornou fonte confiável dos repórteres que cobriam o Palácio do Planalto. Era o porta-voz. Na época, tudo era diferente e mais difícil do que ocorre hoje. O presidente não falava com jornalistas, mas tinha meios para fazer chegar aos jornais o principal objetivo daquele governo, que era restabelecer as liberdades individuais e reimplantar o regime democrático no país.

Todos os protagonistas correram riscos imensos. Petronio Portella me disse que o camburão da polícia certamente passaria na porta dele, se seus esforços para restabelecer o regime democrático não fossem bem-sucedidos. O presidente Geisel tinha a seu lado o general Golbery do Couto e Silva, que foi o arquiteto da distensão lenta e gradual. Para manter o controle do país, a Presidência teve que se impor à direita e à esquerda. Retirou lentamente

a censura, liberou os jornais e deixou que o MDB, com nomes do porte de Ulysses Guimarães, Tancredo Neves e Thales Ramalho, falasse à vontade. Mas cassou mandato de deputado. E, paradoxalmente, revogou o Ato Institucional nº 5.

Os militares da extrema direita se articulavam para impedir que o processo de abertura política prosperasse. A controvérsia ficou mais aguçada na medida em que se aproximava a sucessão do próprio Geisel. O candidato dos duros era o ministro do Exército, Sylvio Frota. Ele foi exonerado em outubro de 1977. Demitido pela manhã, na tarde do mesmo dia o substituto já estava empossado. Humberto Barreto tratou de colocar os fatos claramente para os jornalistas. Foi honesto e prestativo. Figura importante na redemocratização.

Foi nesse período que escrevi o livro *Segunda Guerra: sucessão de Geisel*, editora Brasiliense, com auxílio do Merval Pereira, de *O Globo*, agora presidente da Academia Brasileira de Letras. Na época convivi com Humberto Barreto e os principais auxiliares do presidente Geisel. Assisti à luta para restabelecer a democracia no Brasil e retirar os militares da política. Naquele momento, o Exército havia se transformado no maior partido político do país, o que subvertia os conceitos de ordem e disciplina essenciais para organização da tropa. O presidente João Figueiredo, general escolhido a dedo por Geisel, completou aos trancos e barrancos o processo de abertura.

Quem hoje trabalha pela implantação das trevas no país não tem a menor ideia do que está falando e propondo. O deputado Daniel Silveira, que

demonstra não ter nenhum conhecimento da história política do Brasil, propõe, na sua tresloucada pregação, o fechamento do Supremo Tribunal Federal (STF) e o restabelecimento dos conceitos do Ato Institucional número 5. Isso significa fechar o Congresso, cassar mandatos dos parlamentares, inclusive o dele, acabar com as liberdades públicas, impor a censura, suspender o habeas corpus e abrir o caminho para o Estado policial. Ele não sabe o que está dizendo. No mínimo, é um leviano.

A história ensina que os radicais costumam ser engolidos pelos movimentos que provocam. Danton e Robespierre, expoentes da Revolução Francesa, terminaram seus dias na guilhotina. Se ocorrer um golpe de estado no Brasil, não será a favor do presidente Jair Bolsonaro. General não bate continência para baixo. Isso acontece no Brasil de hoje porque Bolsonaro foi legitimado pelo voto popular. Ou seja, ele não é o capitão, mas o comandante em chefe das Forças Armadas brasileiras eleito. Sem a legitimação do voto popular, ele retorna à posição de capitão, o que não lhe outorga o direito de tomar o poder resultado de algum tipo de golpe.

A história das revoluções costuma ser assim: o radical provoca a onda, mas por ela acaba sendo engolido. Os extremistas de hoje no Brasil estão cavando a própria cova. Se alcançarem seus objetivos, poderão jogar o país numa crise profunda com potencial para gerar até uma guerra civil. E deverão ser as primeiras vítimas. Os riscos são imensos. O futuro só se realizará dentro do jogo democrático.



Quem é fascista na guerra da Ucrânia?

» JAIME PINSKY
Historiador e editor, professor titular da Unicamp, doutor e livre docente da USP. (jaimepinsky@gmail.com)

A bandeira da Ucrânia tem as cores azul e amarela. Já o grupo nacionalista direitista Pravy Sector usa a mesma bandeira, mas com as cores preta e vermelha. Esse grupo se organizou a partir de 2013/14 quando promoveu manifestações contra seu governo, aliado da Rússia, conseguiu depô-lo e acabou por mergulhar o país em um caos político, econômico e étnico. A situação só se equilibrou a partir da surpreendente eleição do atual presidente, Vladimir Zelensky. Ele competiu como um “azarão”, entre os partidários da Rússia e os ultradireitistas. Para surpresa de todo mundo e do mundo todo, ele venceu as eleições, tornou-se popular e acabou tendo que sustentar uma guerra contra Putin, que não se conformou com sua vitória, uma vez que desejava um governante submisso aos seus desejos.

Todos devem se lembrar que no início do atual governo brasileiro grupos bolsonaristas referiam-se a “ucranizar” o Brasil. Seu objetivo declarado era promover uma guinada para a direita. Mas não seria errado supor que tinham a intenção de destituir poderes da República, algo promovido pelo grupo ucraniano que lhes servia de modelo (em 2014). A ultradireita ucraniana era chauvinista, francamente antirussa, antisemita e antiglobalização. Além do que, é bom lembrar que agrupamentos políticos como o Pravy Sector promoviam treinamento militar, que ofereciam a correligionários de outros países. A militante bolsonarista, muito evidente no início do mandato presidencial atual, Sara Winter, proclamava a quem queria ouvir e a quem não queria também que ela própria teria recebido treinamento na Ucrânia com esse pessoal.

Putin e seu círculo de apoiadores alegam que ao derrubar, em 2014, um presidente legalmente eleito, os ucranianos tiveram uma atitude fascista, de nacionalismo extremo, com caráter de

antiglobalização, além de chauvinista. De fato, esse perfil político tem se manifestado em muitos países, podendo ser uma ameaça séria às instituições democráticas. Contudo, a invasão russa não se deu por aqueles que poderíamos chamar de “bons motivos”. Em nenhum momento o governo russo preocupou-se com a democracia, mesmo porque o próprio presidente russo não é um exemplo acabado de democrata radical.

Ele manipulou e manipula as leis e os tribunais russos, colocando-os a serviço de seus interesses, não do interesse do aperfeiçoamento da democracia russa, muito menos do sistema democrático como concepção e prática política. Aristóteles já dizia, há mais de 2 mil anos, que o sistema democrático se baseia, antes de tudo, em “governar por turnos”, isto é, em haver revezamento de indivíduos e correntes políticas no poder. Oferecer veneno e cadeia aos adversários — o que tem acontecido na Rússia — não é, exatamente, a melhor maneira de estimular o desenvolvimento da democracia, convenhamos.

Não deixa de ser irônico que Putin não esperava por Zelinsky no poder. Um não político (era ator, antes de ser presidente, imitava e caricaturava presidentes na tevê, entre outras atividades artísticas) no poder, um cidadão com antecedentes familiares judaicos, não podia e não pode ser chamado de fascista ou de antisemita. Mas, como a lógica formal não é problema para governos autoritários, Putin e seu círculo de poder fingem que o presidente ucraniano é de extrema direita. Não é. E agora, para coroar a falta de sentido de algumas acusações, além de garantirem que os governantes ucranianos podem ser antisemitas e judeus (!) um ministro russo acaba de afirmar que Zelinsky pode ser fascista, embora judeu, pois até Hitler tinha sangue judaico.

O absurdo é evidente. Mas não se trata apenas de atentado à lógica. É também um atentado aos milhões de vítimas do nazismo. Além de infeliz, imbecil, grosseira, agressiva, a frase de uma autocracia russa fere todas as pessoas de bom senso no mundo, as de bom caráter, as sensíveis, todas as que têm compromisso com a verdade. E, devo deixar muito claro, sou um apreciador da cultura russa, amo seus escritores — vários assassinados por Stalin — seus músicos, suas orquestras, seus cineastas, seus dançarinos.

Contudo, como neto de imigrantes, que só escaparam das câmaras de gás nazistas perpetradas pelo mesmo Hitler a quem o ministro russo se refere como tendo sangue judeu, eu me sinto no direito e no dever moral de solicitar pedido formal de desculpas por parte dessa autoridade. Minha avó Sara só escapou do Holocausto, com seus nove filhos, porque o Brasil permitiu que para cá ela viesse. Foi um bom investimento do país: hoje somos, entre netos, bisnetos e tataranetos dela mais de 200 bons brasileiros que trabalham aqui como médicos, professores, empresários, técnicos, dentistas, editores, artistas, entre outras profissões.

Sim, a Ucrânia talvez não possa se vangloriar de seu passado democrático, de ser um país aberto para minorias culturais e étnicas. Sim, durante a Segunda Guerra Mundial nem sempre colaborou com as democracias; na verdade, esteve mais perto da Alemanha nazista e há casos terríveis de massacres perpetrados por ucranianos contra minorias nessa época e até antes da guerra. Contudo, ter ficado do “lado certo” contra o nazismo não dá à Rússia carta branca para invadir seus vizinhos, Estados independentes, mesmo que não goste de seus governantes. E inventar mentiras contra ucranianos e outros povos não é digno de um país e um povo tão relevantes quanto o russo.

Por que o modelo ultraliberal não funciona?

» PETRONIO PORTELLA FILHO
Doutor em economia pela Unicamp e consultor concursado do Senado

A guinada neoliberal começou com a Dilma, em 2015, depois deu lugar ao ultraliberalismo. A magia do mercado não funcionou. Entre 2015 e 2021, o PIB do Brasil diminuiu em média 0,3% ao ano. Neste artigo vou analisar por que a idolatria ao mercado provoca estagnação em vez de crescimento exuberante.

O ambiente criado por Guedes é teoricamente favorável aos negócios. As empresas pagam salários miseráveis. Sonegadores têm as dívidas perdoadas. Acabaram com a tolice de defender direitos trabalhistas, índios e o meio ambiente. Empresários compram estatais a preço de banana e duplicam os preços. Agricultores usam como pesticidas venenos que não deveriam ser permitidos nem na guerra.

Para coroar a lei do mais forte, Guedes distribui bondades para o andar de cima e maldades para o andar de baixo. O governo federal renunciou a R\$ 371 bilhões em tributos na Lei Orçamentária de 2022. Haja estímulo. Como explicar que nem assim os investidores estejam investindo?

Todo calouro de economia deveria saber a resposta. O PIB tem o lado da produção (oferta) e o lado do consumo (demanda). O ultraliberalismo estimula a produção, mas retrai o consumo. Como os dois precisam ser iguais, a oferta se contrai por falta de demanda.

O PIB brasileiro foi incorporado às estatísticas nacionais nos anos 40. O Brasil cresceu 7,3% ao ano entre 1940 e 1980 liderado pelo investimento público. Então surgiram doutrinadores da magia do mercado e da ineficiência do Estado. O neoliberalismo passou a ser aplicado com rigor crescente. Após o impeachment, Temer botou na Constituição um “teto de gastos” cujo real objetivo é encolher o Estado. Hoje somos um país estagnado.

O ultraliberalismo é baseado numa ideia digna de Einstein. Proíba o maior investidor — o Estado — de investir e o obrigue a cortar gastos na carne — que a economia vai decolar.

Façamos uma suposição. Vamos imaginar que multinacionais vieram ao Brasil e criaram empresas campeãs internacionais de eficiência, como Embraer, Petróbras, Vale, Embrapa, siderúrgicas, Correios, BB e BNDES. Fundaram universidades responsáveis por 95% da pesquisa nacional. Transformaram o Brasil num tigre econômico durante 40 anos. Faria sentido considerar tais empresas ineficientes e proibi-las de investir?

E o que dizer da Reforma Trabalhista? Ela barateou a mão de obra. Por que a reforma não criou os milhões de empregos prometidos pelos doutrinadores? Por que ela não estimulou as empresas privadas a investirem?

É a demanda, estúpido! Empresário só investe no aumento da produção quando sabe que pode vender. O consumo das famílias representa 75% do PIB. Se você reduz os empregos e empobrece os trabalhadores, a demanda interna se contrai.

Não há como o ultraliberalismo funcionar no Brasil. Ele é coisa de fanáticos. Quando estudava na UnB, o diretório era disputado por leninistas, maofistas e trotskistas. Hoje os incendiários estão na direita. Se as “reformas” não estão funcionando, a solução é aprofundá-las. Se o remédio não funciona, aumente a dose até matar o paciente. Todo sacrifício é benéfico — desde que se encolha o Estado.

O ultraliberalismo transformou pessoas decentes em insensíveis, democratas em fascistas, economistas em sabotadores da economia. Ultraliberais defendem dogmaticamente a privatização da saúde e da educação públicas — ou seja, querem obrigar miseráveis a pagar do próprio bolso o médico e a escola dos filhos.

O PIB precisa crescer 3% ao ano para criar emprego para os jovens que entram todo ano no mercado de trabalho. Estamos recuando 0,3% ao ano desde a guinada ultraliberal — e aumentando o desemprego e a exclusão social.

O ultraliberalismo não é compatível com a democracia. Pinochet só conseguiu implantar a agenda de Chicago porque governou 16 anos sem eleições. E, mesmo assim, devolveu o Chile com o dobro do percentual de pobres e 79% da renda per capita do Brasil.

Os ultraliberais de Guedes sabem que defendem um projeto elitista. Por isso, querem fechar o Supremo Tribunal Federal. Odeiam a instituição não por seus defeitos, mas por suas virtudes. Sabem que o STF impede que Bolsonaro transforme o Brasil no país de seus sonhos: uma ditadura sangrenta.